

## Hitler na crônica militante de Jorge Amado

MÁRCIO HENRIQUE MURACA \*

**Resumo:** Militante comunista até meados da década de 1950, Jorge Amado configura sua obra na tensão entre projeto estético e propaganda ideológica. Escritor prolífero, seus escritos vão além dos romances, sendo o autor um assíduo colaborador em jornais de seu tempo. Entre 1942 e 1945, Amado escreveu a coluna “Hora da Guerra”, no jornal *O Imparcial*, de Salvador. Uma das figuras mais tratadas pelo autor é Adolf Hitler, sobretudo como metonímia do mal. A figuração demoníaca de Hitler em oposição maniqueísta ao louvor de Stálin articula-se, no plano internacional, à defesa do movimento comunista encabeçado por Moscou e, no plano nacional, ao engajamento esquerdista antifascista que enxerga no período da Guerra a oportunidade de virada democrática no Brasil. Os elementos textuais característicos da obra romanesca de Amado também aparecem na configuração textual de suas crônicas de Guerra.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra; Militância; Comunismo; Crônica.

**Abstract:** Communist militant until mid-1950's, Jorge Amado sets his work over this period using left wing propaganda. As a prolific writer, his writings go beyond the production of novels, being the author a great newspaper collaborator in his time. Between 1942 and 1945, Amado wrote a daily column called “Hora da Guerra” (War Time), published by *O Imparcial* newspaper of Salvador. One of the most cited figures in those texts was Adolf Hitler, especially as evil metaphor. The demoniac representation of the German leader opposed to the praise to Stalin is linked, in an international level, to the Communist movement from Moscow, and, in a national level, it is linked to the left-wing engagement anti-Fascist which would perceive the War period as a great opportunity to democratic changes in Brazil. Literary elements seem in Amado's novels are also present in his newspaper writings.

**Key words:** Second World War; Militancy; Communism; Newspaper articles.



\* MÁRCIO HENRIQUE MURACA é Bolsista CAPES. Doutorando em Letras na Universidade de São Paulo (USP), tendo como orientadora a Profa. Dra. Berta Waldman, do Departamento de Letras Orientais, Estudos Judaicos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia - MG (UFU).

## 1. Considerações iniciais: posicionamento do autor e metonímias

Hitler é a figura mais citada na seleção das crônicas de guerra de Jorge Amado<sup>1</sup>, publicada em livro no ano de 2008, com o título homônimo da coluna, *Hora da Guerra*. O *Führer* é mencionado em 63 crônicas, o que corresponde a 60% do total de 103 textos selecionados na publicação. A referência direta ao seu nome (“Adolf”, “Hitler”) é acionada quase uma centena de vezes, deixando para trás outros personagens centrais da guerra, como Mussolini e Stálin. Como cronista que expressa sua opinião acerca dos acontecimentos da Guerra e se posiciona com clareza em relação ao lado que se encontra – algo fulcral numa época polarizada –, Jorge Amado estabelece sua crítica ao fascismo articulando-a, também, ao movimento integralista no plano nacional.

Posição colocada a favor dos Aliados, sobretudo porque a União Soviética é uma das forças base de combate ao Eixo, o então escritor militante comunista se alinha ao esforço de Guerra que visa não somente à vitória contra os governos nazifascistas, mas também ao ideal conservador e direitista que *deve* ser extirpado com o fim do conflito. Há, portanto, uma preocupação dupla baseada na noção de “vitória total”<sup>2</sup>:

<sup>1</sup> Foram selecionadas 103 crônicas, dentre mais de sete centenas. Para essa coletânea, o projeto da Cia das Letras contou com o trabalho da antropóloga Ilana Seltzer Goldstein, autora de *O Brasil Best-Seller de Jorge Amado* (2000), e da diretora da Fundação Casa de Jorge Amado, Myriam Fraga.

<sup>2</sup> Tomando noção de Philippe Masson (2010, p.13) segundo a qual os Aliados, depois de determinado momento na Guerra, exige a



uma calçada no presente e outra no devir, sendo que esta se liga à propaganda subterrânea do comunismo como alternativa de solução às mazelas sociais do globo (assim como do Brasil), as quais,

inclusive, levaram às nações a se digladiar em vista da expansão imperialista, como é detectável em vários textos. Nessa percepção, o movimento de esquerda tem a oportunidade de se legitimar como opção efetiva no mundo.

Ao firmar essa dicotomia, Amado então destaca os heróis dos inimigos, argumentando que o que está em perigo, acima de tudo, é o *princípio democrático que rege as nações*, tomando aqui recorrente asserção do cronista. Assim, parece inevitável que emergja daí uma visão maniqueísta, como Boris Fausto (2008, p.16) destaca acerca do tom geral das crônicas: “De um lado, na perspectiva de Jorge Amado, encontra-se o ‘bem supremo’, encarnado pela União Soviética, a Inglaterra e os Estados Unidos. De outro, o ‘mal supremo’, encarnado pelos países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.”.

Nesse sentido, Hitler é trazido às crônicas como metonímia desse mal. Fazendo-se representante do povo – algo que se justifica pelo “espírito de missão” que contaminava os artistas-intelectuais da época<sup>3</sup> –, o cronista Jorge Amado

“capitulação total dos inimigos” no lugar da “paz negociada” como em conflitos anteriores. Ver: *A Segunda Guerra Mundial – Histórias e Estratégias*.

<sup>3</sup> Essa noção condiz com o que Luís Bueno (2006, p.181) assinala em relação a *Cacau* (1933), romance de Amado que tentava estabelecer uma estética proletária: “É como se o escritor estivesse justificando sua própria

vinca seus textos com a candência de quem enxerga o horizonte planetário com apreensão e, assim, nas palavras do próprio autor, Adolf Hitler é o “anticristo”, cuja “legião” de “asseclas” merece atenção por parte dos “povos” que devem se conscientizar da luta e agir. Essa espécie de convocação no contexto histórico é um ideal presente nas crônicas que valida a noção de despertar de luta de classes a que o comunismo visa atingir nas nações.

Em contrapartida, a metonímia do bem não parece ser outra do que a frente dos Aliados amalgamada nas figuras de Stálin, Churchill e Roosevelt, em marcha, juntamente com seu *povo*, para enfrentar “o grande ditador”. Dos três, Stálin, para Jorge Amado, é aquele que o autor destina particular “louvação”<sup>4</sup>, para tomar Fausto (2008, p.20). Assim, a coluna de Jorge Amado tem o objetivo de ser uma “trincheira”, como o autor escreve, não importando o fato de que “seja pequena”, podendo prometer “a luta pela liberdade, pela democracia, pela vitória realmente do povo”: “contra o nazifascismo e a quinta-coluna [direitistas brasileiros]” (AMADO, 2008, p.28).

Cabe ressaltar que o percurso de Jorge Amado na construção textual de sua crônica em muito segue seu projeto estético o qual orienta sua obra romanesca desde os anos de 1930<sup>5</sup>: a

---

posição ao assumir-se como porta-voz de um povo ao qual não pertence, mas que, pela observação e por uma espécie de espírito de solidariedade conhece e compreende.”

<sup>4</sup> “Stálin para nós era um deus! Quem me dissesse que Stálin não era um deus eu me revoltava com ele... Mas depois começou o longo e doloroso processo de dúvida quanto a Stálin e à realidade soviética daquele momento.” (AMADO, 1988, em entrevista a DUARTE, 1996, p.276).

<sup>5</sup> Em relação aos elementos textuais mais presentes na obra de Jorge Amado, ver os citados Duarte, Goldstein e Bueno, os quais tratam de

noção de povo como expressão de liberdade, o lirismo que visa à emoção, o humor que serve à crítica, o clamor que intenta a conscientização. Parece bastante visível que a ilusão stalinista, vista da atualidade, contribui em muito para uma perspectiva enviesada, para um tom de propaganda que, mais tarde, Jorge Amado, assim como outros escritores, vai deixar de lado. De qualquer modo, sua crônica tanto quanto seu romance, é, ainda, um apelo à emancipação dos oprimidos e marginalizados.

## 2. Uma peça teatral: democracia e liberdade

*“O PALCO É MÓVEL POIS O CENÁRIO, A PRINCÍPIO, REPRESENTA AS ESTEPES RUSSAS. Porém Adolf está em movimento, andando para trás, no caminho de Berlim. Fala ao mesmo tempo que foge. De quando em vez assenta o binóculo de campanha, volta-se, tenta enxergar Moscou. Mas o ruído da metralha faz com que ele corra mais depressa. Adolf, ao falar, tem a ilusão que o faz para o mundo inteiro.”* (JORGE AMADO, “Monólogo de Adolf...”, 17/7/1943, 2008, p.91).

Chama a atenção do leitor o traço megalomaniaco de Adolf logo na introdução desse “texto teatral” – Amado toma a estrutura do drama para compor sua crônica de crítica a Hitler, texto (quase) totalmente dedicado ao *Führer*: “Adolf, ao falar, tem a ilusão que o faz para o mundo inteiro.” (AMADO, 2008, p.91). A rubrica do dramaturgo faz vir à tona a imagem do personagem Hynkel, paródia de Hitler, da obra fílmica *O Grande Ditador* (1940), interpretado por Charlie Chaplin que, em clássica cena, brinca com um

---

aspectos como lirismo, diálogo com o popular e ideologia.

imenso globo terrestre como se este fosse um balão e logo cai em pranto quando ele estoura. No final da crônica, Amado, aproveitando para inserir sua crítica ao líder integralista brasileiro, conclui a *peça* desta forma: “Plínio Salgado chega de Portugal e com um lenço bordado da ilha da Madeira, qual anti-Verônica do anticristo Adolf, enxuga-lhe suor e lágrimas e pede-lhe uns marcos emprestados. O PANO É U’A MORTALHA.” (AMADO, 2008, p.93)<sup>6</sup>.

No plano nacional, Plínio Salgado e os integralistas são percebidos por Amado como “traidores da pátria”. Convém reafirmar que Salgado foi forçado a se exilar em Portugal em 1939, retornando ao Brasil apenas em 1945, com o fim do Estado Novo. Seu exílio ocorreu depois do ataque ao Palácio Guanabara (levante de maio de 1938), tema introduzido na crônica “Maníacos do Assassinato”, de 26/3/1943. Jorge Amado dá início a esse texto alertando para o perigo da quinta-coluna<sup>7</sup>, preocupação que ele vai

demonstrar em muitas crônicas: “NÃO HÁ DÚVIDA QUE, EM TODO O PAÍS, OS INTEGRALISTAS, CUMPRINDO ORDENS dos seus amos nazifascistas, chegadas através o Führer de opereta Plínio Von Salgado, estão se movendo em conspiratas, sabotagens, boatos e divisionismos [...] tentando entregar o Brasil aos nossos inimigos.” (AMADO, 2008, p.86). A aplicação da ironia como recurso textual logo leva à sua conclusão: “Este o plano da quinta-coluna, este o plano do integralismo, este o plano dos verdes plinistas, vendedores da pátria.” (AMADO, 2008, p.86).

A constante nas crônicas de *Hora da Guerra* de que o mal deve ser liquidado completamente, para que nenhuma semente fique e brote após a vitória dos Aliados contra o nazifascismo e seus apoiadores, está ligada às muitas vezes que o nome de Hitler é citado, seguido com frequência da menção do de Mussolini:

Todos aqueles militantes e simpatizantes de todos os fascismos [...] se reúnem para impedir que no enterro de Hitler e Mussolini, sigam os caixões que conduzem o terror, o obscurantismo, a barbárie, a exploração e a reação fascistas. Não importa a queda do nazismo, desde que não seja ele sucedido por uma verdadeira democracia, desde que os germens de uma era fascista permaneçam. (AMADO, 2008, p.136).

Ou no fragmento:

Esse trecho do comunicado oficial dos três grandes líderes democráticos [Stálin, Churchill e

esses inimigos, os tais “traidores” a que o cronista se refere, os quais sabotam e espalham boatos. O termo era bastante comum no período e tem relação direta com uma quinta força que apoiava Franco na Guerra Civil Espanhola, que marchava rumo a Madri com quatro colunas.

<sup>6</sup> A marca do burlesco imprimida por Amado na crônica “comédia” parece servir bem como estratégia para pintar os “inimigos” sob uma perspectiva de “inferioridade moral”, sendo que os personagens assim caracterizados aproximam-se de uma *fealdade* que preponderou por séculos como sinal negativo – o “demônio era feio”<sup>6</sup>, conforme sublinha Hugo Friedrich (1978, p.77) em sua obra *Estrutura da Lírica Moderna*. Aristóteles (1999, p.42), na *Poética*, já indicava essa mesma relação escárnio/rebaixamento moral: “A comédia [...] é imitação de gentes inferiores; mas não em relação a todo tipo de vício e sim quanto à parte em que o cômico é grotesco.”. Essa caricatura de Hitler também pode ser entendida como aquilo que Affonso Romano de Sant’Anna definiu como “riso poderoso” no texto carnavalizador de Jorge Amado, baseado na acepção de Bakhtin que propõe o popular como a “cultura do riso”, “imensa força transformadora da cultura popular”.

<sup>7</sup> Termo usado por Jorge Amado sinônimo de “inimigo infiltrado” num país ou região. Serve também para aqueles “de dentro” que apoiam

Roosevelt, Conferência de Teerã] não se dirige apenas contra a Alemanha de Hitler ou o que resta da Itália de Mussolini. É o enterro de qualquer pretensão muniquista de manter métodos fascistas no mundo de amanhã. (AMADO, 2008, p.142).

Ainda mais evidenciado em:

Não basta levar o país à guerra contra Hitler e Mussolini. Faz-se necessário esclarecer todo o povo sobre o que é o nazifascismo e a desgraça que ele representa. (AMADO, 2008, p.166);

Não basta vencer Hitler e Mussolini. É necessário liquidar o espírito fascista. (AMADO, 2008, p.175);

Não é apenas a guerra que está perdida para Hitler, Mussolini, [...]. Também a paz se anuncia terrível para o fascismo. (AMADO, 2008, p.234).

Hitler não só é personificação do regime nazista. Junto aos seus parceiros – Mussolini, o mais destacável de todos – é o ideal fascista, totalitarista que deseja dominar o mundo, ameaçando a liberdade dos “povos e a democracia”, sendo a base desta dois grandes princípios que Todorov discute em *Memória do Mal, Tentação do Bem*: “autonomia da coletividade” e “autonomia do indivíduo”. Assim, o Estado totalitário é o extremo oposto do Estado democrático, porque o que é valorizado não é o eu de cada indivíduo, mas o *nós* do grupo – daí que a autonomia e o pluralismo devem ser afastados num regime totalitário, sendo substituído pelo seu contrário, o *monismo*. (TODOROV, 2002, p.26). Seguindo o pensamento do historiador e filósofo, que define o totalitarismo ao contrastá-lo com aqueles princípios da democracia, emerge a contradição, perceptível hoje, do modo de ver de Jorge Amado nos anos 1940.

Se Hitler é “antítese” de povo (AMADO, 2008, p.135), Stálin é seu sinônimo. Se o nazifascismo é contra a vida, o comunismo stalinista é a democracia. Contudo, o que muitos estudiosos propõem e a história em muito confirma é justamente fazer ver que o regime de Stálin não é muito diferente do de Hitler – sem querer aqui diminuir as atrocidades deste. O regime soviético exigia, e isso é claro nas crônicas de Amado, uma “adesão espiritual” irrestrita a um Estado “virtuoso”: ideologia e política também fundidas num só ideal, de modo que não poderia haver verdade que chegasse independentemente do Partido Comunista: “Toda autonomia individual, de pensamento ou de ação, é condenável, pois somente o Partido pode ter razão.” (TODOROV, 2002, p.28). Nesse sentido, justificam-se os grandes expurgos de Stálin, os quais se deram no empenho “em eliminar ou em dobrar todos os membros do aparelho dirigente suspeitos de querer pensar e agir por conta própria.” (TODOROV, 2002, p.28).

Levando-se em conta o projeto estético-ideológico geral de Jorge Amado na época, é provável que democracia, para ele, estivesse mais associada à liberdade e à emancipação da população oprimida do que àquela noção de Estado Democrático plural (em contraste com o monismo do Estado Totalitário na concepção aqui tomada de Todorov). Nessa possível percepção de Amado, não é estranho que o nome de Stálin emergja frequentemente em muitas crônicas como um dos “três grandes líderes democráticos” (AMADO, 2008, p.142), ao lado de Churchill e Roosevelt.

À vista disso, A União Soviética é a nação onde o povo não medra diante dos “bárbaros nazistas mais miseráveis entre quantos bárbaros e miseráveis já

apareceram na face da terra.” (AMADO, 2008, p.161). Assim ele afirma na crônica “Luzes da Vitória”, de 23/1/1944, na qual comemora a libertação de mais uma cidade soviética, “arrancada das mãos assassinas dos nazifascistas”: “Homens, mulheres e crianças dão seu esforço na luta de vida e morte que sua pátria sustenta. Não há um só cidadão soviético que não esteja a postos, combatendo.” (AMADO, 2008, p.161).

Diferente de outras nações, para o autor, a “quinta-coluna” e os apoiadores de Hitler não têm vez na pátria soviética, o que conduz à leitura de que, além da vitória militar do povo soviético, se concretiza a vitória ideológico-política de todo o regime:

Hoje a vitória é uma realidade magnífica. As ordens do dia se sucedem. Então as crianças vêm para as ruas nas noites de alegria. A neve se estende, branca e pura. Vêm também os homens e as mulheres na Praça Vermelha. Ali está o Kremlin, onde vivem os dirigentes. (AMADO, 2008, p.162).

No parágrafo seguinte e na conclusão do texto:

Ali está o túmulo onde repousa Lênin, o que construiu essa pátria. [...] Populações arrancadas às mãos dos assassinos, criminosos que os juízes julgam em nome do povo vingador. [...] As luzes sobre a cidade de Moscou iluminam esses sorrisos felizes. E iluminam também, nas sacadas do Kremlin, o lardo sorriso do marechal Josef Stálin, saído de sob os bigodes como um símbolo, é o povo soviético sorrindo, é o povo soviético vitorioso! (AMADO, 2008, p.162).

Enquanto isso, Hitler, em seu monólogo tenta achar culpados para o fracasso:

É bem verdade que sois imundos judeus, todos vós, ingleses e

americanos, mas eu vos perdo a todos pois sois ignorantes! Não estais vendo o perigo comunista? Cadê a quinta-coluna? [...] E esses russos miseráveis... como me enganaram... São traidores piores que qualquer dos patriotas franceses que eu compreí! (AMADO, 2008, p.91).

Embora se aponte que Stálin estaria diretamente envolvido no assassinato de Trotski<sup>8</sup>, ocorrido em agosto de 1940, Jorge Amado coloca este como traidor, na voz de Hitler: “Também é culpa minha que fui acreditar em Trotski... O desgraçado só queria dinheiro e me enganou... Ah! Esses russo miseráveis... Liquidaram os quintas que consegui por lá.” (AMADO, 2008, p.91-92).

A rubrica do monólogo então orienta “*mudando o tom de voz*”, destacando a incoerência de Adolf Hitler, “agarrando-se” a quem quer que fosse: “Oh! Simpáticos bolcheviques russos! Eu sou socialista! Sempre fui, meu partido é operário. Vamos nos unir contra os sórdidos capitalistas anglo-americanos, judeus internacionais. Stálin, quero alisar teu bigode [...]” (AMADO, 2008, p.92).

Hitler dirige-se a Mussolini como “Musso, meu filho, [...]” (AMADO, 2008, p.92), e ainda diz que sua frustração poderá ser mitigada na volta a Berlim: “Mando matar umas centenas de pessoas e me consolo...” (AMADO,

<sup>8</sup> Leon Trotski (1879-1940) um dos líderes da revolução bolchevique, fundador do Exército Vermelho, tornou-se rival de Stálin. Dulles, em *O Comunismo Brasil*, destaca que o assassinato de Trotski, no México, “foi anunciado como de autoria de um partidário da vítima, mercedor, apesar de tudo, de agradecimentos gerais por ter dado cabo de um fiel laiaio dos capitalistas [...]. Os trotskistas [...] descreveram o assassinato de Trotski como um ato covarde e miserável de Stálin.” (DULLES, 1985, p.214). Jorge Amado, sob a linha stalinista, era, obviamente, contra Trotski e sua linha de pensamento.

2008, p.92). A conclusão, que segue o tom de caricatura, antes do choro e a visita de Plínio Salgado, que o consola com o lenço português: “Roosevelt, Churchill, Stálin, eu quero me aliar com qualquer de vós! Não faço questão, eu quero é salvar a pele!” (AMADO, 2008, p.92-93).

### 3. Os conceitos de Hitler: raça e bolchevismo

Jorge Amado evidencia em duas de suas crônicas, “Senhor do Bonfim, Padroeiro das Nações Unidas”, de 15/1/1943, e “Hitler contra Zumbi dos Palmares”, de 27/2/1943, os conceitos raciais/racistas de Hitler. Vale notar que Amado já defendia a miscigenação do povo brasileiro como elemento crucial de identidade nacional. Gilberto Freyre (e todo o pensamento voltado ao assunto) estava em voga na época, como analisado em profundidade no livro *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*, de Ilana Seltzer Goldstein. Portanto, Jorge Amado vai comentar sobre a lavagem da Igreja do Bonfim, em Salvador: “Sob o nazismo, a festa de ontem, popular e lírica, seria impossível. Sob o nazismo, apenas há lugar para os desfiles das tropas de assalto, só há voz para os vivas ao Führer, tomando o lugar dos santos.” (AMADO, 2008, p.35).

Mais especificamente sobre o nazista:

Hitler odeia tudo que lembra povo e mais odiaria, com certeza, uma festa que nasce da mistura de sangue, com a lavagem do Bonfim. [...] Hitler só veria torpeza e degradação, não enxergaria nunca, com seus olhos incapazes de enxergar a poesia, o lirismo, o pitoresco, a ingenuidade, a beleza esplêndida da procissão e da lavagem. Sob Hitler, jamais as baianas poderiam vestir seus maravilhosos vestidos. Para elas e para nós, estariam os troncos dos escravos. (AMADO, 2008, p.35-36)

É interessante notar a consciência do projeto de “mitificação de si” e do próprio regime, do “poder encarnado na pessoa do Führer” (TODOROV, 2002, p.28) que necessita, para sua manutenção ideológica, de símbolos, esculturas, desfiles, de toda uma arquitetura – da destruição, como qualifica o fundamental documentário<sup>9</sup>, em análoga relação com a ideia de “estetização igual à barbárie” (LUKÁCS, 1965, p.204):

O altar do santo seria substituído pelos bustos torpes de Hitler e dos traidores. Jamais a procissão e a lavagem da igreja se realizariam. Jamais a poesia andaria solta pelas ruas da Bahia, nos dias como hoje. Só o luto encheria a cidade, o luto e a escravidão. (AMADO, 2008, p.35-36).

No plano da composição, comparece o tom “lírico” no uso de paralelismo (repetição do vocábulo *jamais* e da estrutura sintática que a segue), como se o autor sugerisse a musicalidade das ruas de Salvador, do povo mestiço que canta sua luta em suas manifestações populares. O povo (ou o coletivo), uma vez mais, marca presença no texto amadiano como sujeito principal de resistência e signo da liberdade.

De modo mais “ensaístico”, a crônica *Hitler Contra Zumbi dos Palmares*, de 27/2/1943, expõe, partindo de Arthur Ramos<sup>10</sup>, autor de *O Folclore Negro no Brasil* (1935), “qual seria a situação dos

<sup>9</sup> *Arquitetura da Destruição*, documentário de 1989, dirigido por Peter Cohen, no qual é tratado o projeto de embelezamento do mundo (limpeza) pelo nazismo, incluindo aí a visão de Hitler acerca da arte de vanguarda como arte degenerada. O clássico/neoclássico é a referência para o ideal hitleriano.

<sup>10</sup> Arthur Ramos (1903-1949), entre inúmeras publicações, destacou-se por aquelas acerca da democracia racial, especialmente da questão do negro no país.

negros e mulatos sob a trágica ‘nova ordem’ nazista” (AMADO, 2008, p.63). Assunto esse caro a Amado, que traria aos seus romances a figura do negro de modo a colocá-lo no centro da narrativa, sobretudo a partir do romance *Jubiabá* (1935) em que o protagonista Antônio Balduíno é considerado um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira (TAVARES, 1980, p.49).

Na crônica, o autor considera: “[...] os planos de Hitler são de referência a todos os negros, mulatos e mestiços, e ele sempre considerou o Brasil um ‘miserável país de mestiços’ que devia ser civilizado pelos cultos arianos nazistas.” (AMADO, 2008, p.63). Amado pondera que “Hitler se levantou contra Moisés e a raça judia tem sido sua vítima mais constante e mais torturada.” (AMADO, 2008, p.63). Serve-se mais uma vez do recurso irônico ao afirmar que o Führer, “no seu delírio bestial, [...] se voltou também contra todas as demais raças que não fossem a raça ariana que produziu a ‘beleza’ do fenômeno nazista.” (AMADO, 2008, p.63). A noção de que a *loucura* de Hitler não conhecia limites está bem expressa na argumentação de Amado.

Amado destaca em “Até a Rendição Incondicional”, 28/1/1943, o pensamento do Führer acerca do marxismo: “[...] nas irradiações para o estrangeiro, Hitler, com voz de choro, tentou levantar o mais desmoralizado dos seus desmoralizados truques: mais uma vez falou no perigo bolchevista sobre o mundo, preparando um pedido de paz à Inglaterra e aos Estados Unidos.” (AMADO, 2008, p.47). E como em seu *monólogo*, estaria fazendo jogo duplo: “Possivelmente também proporia a paz à União Soviética para poder continuar a guerra contra a Inglaterra e os Estados Unidos. Naturalmentealaria então no perigo dos

imperialismos...” (AMADO, 2008, p.47-48). No parágrafo seguinte, uma comparação: “O lobo das histórias infantis quis, numa última tentativa, vestir novamente a pele de cordeiro.” (AMADO, 2008, p.48).

#### 4. Vitória total sobre Hitler

É detectável nas crônicas de Jorge Amado que o problema central do conflito a ser resolvido, em sua percepção, é a eliminação cabal de Hitler no teatro bélico que o próprio Führer criara: “todos os demais problemas são secundários” (AMADO, 2008, p.84), ele diz em “As Bandeirantes e o Esforço de Guerra”, em 24/3/1943. Talvez o autor já previsse o arrastar da guerra, a não renúncia do Führer que teria dito em janeiro de 1945, três meses antes do suicídio: “Não capitularemos. Nunca. Podemos afundar. Mas levaremos o mundo conosco.” (KERSHAW, 2010, p.922)<sup>11</sup>.

O clamor preocupado do cronista atinge seu clímax quando do afundamento de embarcações nacionais. Na crônica “África! África!”, em 13/3/1943, o autor escreve: “Se o pensamento de Hitler e seus asseclas, ao torpedearem navios brasileiros, foi intimidar o povo da nossa pátria, já devem ter, mais uma vez, se desiludido.” (AMADO, 2008, p.71). O ideal de união nacional assim é expresso em contraste com a “guerra de Hitler”: “A cada agressão, a cada tentativa de amedrontamento, o povo responde com sua decisão de lutar, de honrar os compromissos assumidos pelo Brasil, de formar ao lado do governo uma inquebrantável unidade nacional [...]” (AMADO, 2008, p.71).

<sup>11</sup> Tomando o pensamento de Hanna Arendt (2007, p.35) em sua obra “Sobre a Violência”, o Führer representaria a “forma extrema da violência” porque é “Um contra Todos”, em contraste com a “forma extrema do poder” do “Todos contra Um”.

Em 13/6/1944, na crônica “Os Povos Combaterão”, as massas são o fato decisivo para o combate final, esse “último ato da tragédia que Hitler desencadeou”:

[...] já nos Balcãs, especialmente na Iugoslávia, ele [o povo] decide os acontecimentos. Também na Itália já o povo marcou a sorte [...] Nos demais países, como num ensaio geral, o povo sabota, faz saltar trens, espera na calada da noite os opressores nazistas. (AMADO, 2008, p.212).

Então, a síntese: “Os povos combaterão porque esta é a guerra dos povos contra a tirania fascista é a guerra democrática e libertadora.” (AMADO, 2008, p.213). Portanto, a revolução sonhada pela esquerda apenas pode acontecer quando as massas se conscientizarem do mal instalado nas nações e, desse despertar, a revolta é capaz de suscitar a transformação social. Tudo isso está em articulação com o ideal de ascensão proletária que o jovem escritor militante apoia. Hitler, nesse contexto, é a encarnação de tudo o que é contrário a essa dimensão libertadora e emancipadora.

##### 5. Considerações finais: opinião em tensão

Ao colocar Adolf Hitler como causador da Guerra, bem como sua eliminação como fator primordial para que o ideal fascista fosse extinto do mundo, Jorge Amado parece amalgamar elementos em suas crônicas que vão além da mera opinião acerca do conflito. Ao se posicionar a favor da *democracia que emancipa os povos*, portanto, contrário ao pensamento expansionista e opressor do direitismo conservador (o que inclui, no plano nacional, o integralismo e a política ditatorial de Vargas), o autor aciona recursos de expressão textual para firmar seu ideal socialista: a ironia

pontua muitos textos, assim como o lirismo e a estrutura dicotômica. A noção de povo é ampla e identificada com a conscientização das massas que deve insurgir e fazer a revolução proletária. É a união da população, como demonstrado, quem deve vencer no final.

Num processo metonímico, Jorge Amado articula a figura de Hitler ao mal e, a dos Aliados, sobretudo Stálin, ao de heróis das nações subjugadas pela ameaça nazifascista. A tensão entre a “opinião” humanista do autor e o intento de fazer chegar ao leitor a visão da necessidade de uma mudança radical via o comunismo abre brechas para um texto que, no geral, se aproxima do panfleto. No entanto, é justamente a capacidade de expressão que permeia a obra amadiana que em muito se justifica pelo diálogo com a tradição popular que faz dessas crônicas exemplo de um autor “em aprendizagem”<sup>12</sup>, o qual, enquanto afirmava uma ideologia, cristalizava sua prosa.

<sup>12</sup> Em analogia a Duarte que considera o período de “aprendizagem romanesca” de Amado em suas três primeiras obras – *O País do Carnaval*, *Cacau* e *Suor* – seguido pelo “romance de formação proletária”, quando o autor encontra o diálogo popular de forma mais intensa em obras como *Jubiabá* e *Capitães da Areia*. À época das crônicas de Guerra, então, uma fase romanesca, como em *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, na qual o autor articula realismo e etapismo na representação. O estudo de Duarte se completa com o “crepúsculo do partidário romanesco”, quando o partido se torna herói na obra amadiana, encerrando sua primeira fase como romancista militante ao publicar a trilogia “Os Subterrâneos da Liberdade”. A partir de meados dos anos de 1950, o autor se afasta do Partido Comunista e inaugura uma fase artística em que o discurso político dá vez ao “colorido” do país e ao humor.

**Referências**

AMADO, Jorge. *Hora da Guerra*. FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

ARISTÓTELES. Poética. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p.33-75.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média – O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DULLES, John W. F. *O Comunismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FAUSTO, Boris. Olhares Cruzados. In: FRAGA, Myriam; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (Org.). *Hora da Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.13-23.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GOLDSTEIN, Ilana S. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado*. São Paulo: Senac, 2000.

KERSHAW, Ian. *Hitler – Um Perfil do Poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. *Hitler*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

LUKÁCS, György. *Ensaio Sobre Literatura*. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MASSON, Philippe. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2010.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “De como e por que Jorge Amado em ‘A Morte e A Morte de Quincas Berro D’água’ é um autor carnavalizador, mesmo sem nunca ter se preocupado com isto”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n.74, Rio de Janeiro, jul-set.1983.

TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua Obra*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do Mal, Tentação do Bem*. São Paulo: Arx, 2002.

*Recebido em 2013-03-26  
Publicado em 2013-09-06*